

## HIPERIDROSE: UM SINTOMA EM BUSCA DA TOTALIDADE DO INDIVÍDUO - BREVE RELATO DE CASO

***COLACITI, Alethéa Kennerly***

Vice-Coordenadora e Psicóloga da C.E.P.P.A.  
Clínica-Escola de Psicologia e de Pesquisa Aplicada FASU/ACEG

### **Resumo**

Este artigo tem o propósito de apresentar, através de revisão bibliográfica e um breve relato de caso exemplificando tal vivência, como o sintoma da Hiperidrose pode ser a manifestação de sentimentos e emoções, inicialmente, rejeitados e desconhecidos pelo indivíduo, como um sintoma em busca da reconstituição do sujeito como totalidade.

**Palavras – Chave:** Hiperidrose; sombra; sintoma; sentimentos; emoções.

### **Abstract**

The purpose of present article is to show, through bibliographic review and a brief case-study exemplifying this experience, how Hiperidrose can be caused by feelings and emotions initially refused and unknown by an individual, like a symptom caused by the needing of the reconstitution of a subject as a totality.

**Key-Words:** Hiperidrose; shadow; symptom; feelings; emotions; equilibrium.

## 1. INTRODUÇÃO

A Hiperidrose constitui-se em uma disfunção glandular, com o sintoma principal de sudorese excessiva em especial nas mãos, nos pés e nas axilas. Esta disfunção, geralmente, é diagnosticada pelo especialista como sendo de “fundo emocional”. Certamente, existem pessoas que apresentam causas fisiológicas para o sintoma da Hiperidrose; contudo, nestas também o nível de aumento da sudorese é, diretamente, relacionado a fatores emocionais.

O suor tem a função de regular a temperatura corporal e eliminar as toxinas do organismo. A Hiperidrose (transpiração exagerada), no plano corporal, está localizada na pele, que é a delimitação, o contato com o exterior. Segundo Dahlke (2002, p. 221), no plano sintomático, a Hiperidrose é:

*“um contínuo transpirar de medo, suar água (e sangue), estar permanentemente banhado de suor, denotando pouca disposição para o contato e cujo cumprimento não é quente e nem vem do coração. Denota um medo fundamental, falta de enraizamento, suar excessivamente perdendo a força vital, sobrecarregando-se de modo permanente e inconsciente. Faz-se uma contínua busca de purificação do corpo a partir dos poros, perdendo fluxo anímico”.*

De acordo com Dahlke (2002, p. 08):

*“a linguagem do corpo – da qual a linguagem dos sintomas é apenas uma dentre importantes subformas lingüísticas – é a mais falada de todas as línguas. Todos falam, mesmo que nem sempre o façam conscientemente e que muitos jamais cheguem a compreender o que lhes diz o próprio corpo. Todos trazem o conhecimento de uma*

*linguagem corporal quase em estado de latência e, por isso, mostram algum assombro ao tê-la subitamente avivada”.*

É como se ela pertencesse a um tesouro do saber que não podemos abarcar, e que desde tempos imemoriais, estivesse adormecida em nós, esperando para ser despertada.

Para Dethlefsen e Dahlke (2001, p. 14),

*“tudo o que acontece no corpo de um ser vivo é a expressão do padrão correspondente de informação, ou seja, é a condensação da imagem correspondente (...) O pulso e o coração seguem determinado ritmo; a temperatura corporal é mantida num nível constante; as glândulas secretam os hormônios e os anticorpos são formados; estas são funções que não se podem explicar em termos puramente materiais. Pelo contrário, cada uma delas depende de um padrão correspondente de informação, cuja origem é a própria consciência”.*

Quando as várias funções corporais se desenvolvem em conjunto, segundo uma determinada maneira, aparece um modelo que é sentido como harmonioso e que, por isso, recebe o nome de saúde. Se uma função falha, ela compromete a harmonia do todo e então fala-se de doença.

Portanto, a doença significa a perda relativa da harmonia, ou o questionamento de uma ordem até então equilibrada. A perturbação da harmonia, no entanto, acontece na consciência e no âmbito da informação, e se mostra pura e simplesmente no corpo. Assim sendo, o corpo é a apresentação ou o âmbito de concretização da consciência e, conseqüentemente, também de todos os processos e modificações que nela ocorrem.

*“Da mesma forma como a totalidade do mundo material - que representa o palco sobre o qual acontece o jogo das imagens primordiais - adquire formas e assim se torna uma “metáfora”,*

*também o corpo material é o palco em que as imagens da consciência se esforçam por se expressar” (Id., ibid., p. 14).*

Disto se conclui que se a consciência de uma pessoa se desequilibra, o fato se torna visível e palpável na forma de sintomas corporais. Assim que um sintoma se manifesta no corpo de um ser humano, isto logo chama (ou mais ou menos) a atenção e interrompe, muitas vezes, a continuidade do caminho de vida até então vigente. O sintoma é um sinal que atrai sobre si a atenção, o interesse e a energia, pondo, simultaneamente, em risco o fluxo natural e suave dos processos. O sintoma exige atenção, se queira ou não. De acordo com Dethlefsen e Dahlke (2001, p.15), *“essa interrupção das funções é sentida como se viesse de fora, como se fosse uma perturbação”*. Na maioria das vezes, a intenção do sintoma é fazer desaparecer o elemento irritante, a perturbação. O ser humano não quer ser perturbado e, assim, começa a lutar contra o sintoma. Essa luta consiste, também, em tratá-lo e em tentar eliminá-lo; desta forma, o sintoma sempre consegue que a pessoa se preocupe com ele.

Os mesmos autores afirmam, também, que *“a doença é um estado do ser humano que indica que, na sua consciência, ela não está mais em ordem, ou seja, sua consciência, registra que não há harmonia”* (p. 17). Essa perda de equilíbrio interior se manifesta no corpo como um sintoma. Sendo assim, o sintoma é um sinal e um transmissor de informação, pois, com seu aparecimento, ele interrompe o fluxo da nossa vida e obriga a prestar-lhe atenção. *“O sintoma avisa que, como seres humanos, como seres anímicos, nós estamos doentes, isto é, o equilíbrio de nossas forças anímicas interiores está comprometido”* (Id., ibid., loc. cit.).

A cura acontece, exclusivamente, pela transmutação da doença e nunca pela vitória sobre um sintoma; portanto, a cura pressupõe a compreensão de que o ser humano se tornou mais sadio, ou seja, um todo se tornou mais perfeito (a ênfase no todo, aqui, significa o mesmo que aproximar-se da totalidade; a palavra sadio, por sua vez, também é legítima quando o assunto é saúde). A cura sempre pressupõe uma aproximação da saúde, daquela totalidade de consciência que também denominamos iluminação. Para Dethlefsen e Dahlke (2001), a cura acontece através da incorporação

daquilo que está faltando e, portanto, ela não é possível sem uma expansão da consciência. Doença e cura são conceitos gêmeos que somente têm importância para a consciência e não se aplicam ao corpo, pois um corpo nunca pode estar doente ou saudável. Tudo o que o corpo pode fazer é refletir os estados correspondentes e as condições da própria consciência.

Rejeitar qualquer manifestação é sempre sinal de uma identificação falha. Portanto, toda identificação que se apóia numa decisão deixa um dos pólos de fora, do lado de lá da porta. Porém, tudo aquilo que a pessoa não quer ser, tudo o que não deseja encontrar dentro de si, tudo o que não quer viver, e tudo o que não quer deixar participar de sua identificação, constitui sua sombra. Segundo Carl Gustav Jung (apud FORDHAM, 1990), sombra é o que em nós existe de inferior, aquilo que deseja fazer tudo o que não permitimos fazer, que é tudo o que nós não somos. A sombra seria, então, o inconsciente pessoal: todos aqueles desejos e emoções que são incompatíveis com os padrões sociais ou com a nossa personalidade ideal, tudo aquilo de que nos envergonhamos ou que não queremos saber sobre nós próprios.

A rejeição da metade de todas as possibilidades “sombrias” não as fazem, de forma alguma, desaparecer; apenas as exclui da identificação pessoal ou da identificação efetuada pela mente consciente.

O “não” na verdade fez desaparecer de nossa vista um dos pólos, mas nem por isso nos livramos dele. A partir desse momento, o pólo recusado continua a viver na sombra de nossa consciência. Tal como crianças que acham que, ao fechar os olhos, se tornam invisíveis, os homens acreditam que podem se livrar de uma metade da verdade pelo fato de não vê-la. Assim, permitimos que um pólo (por exemplo, a competência) entre no raio luminoso da consciência, ao passo que o pólo oposto (a incompetência) tem que ficar no escuro, para não ser visto. Do não - ver chega-se logo ao não-ter e se começa a acreditar no fato de que um pólo pode existir independentemente do outro.

Portanto, com o termo sombra, conceito desenvolvido por Jung, é designada a soma de todos os âmbitos rejeitados da realidade que o homem não quer ver em si mesmo ou nos outros e que, por isso mesmo, permanecem inconscientes. Na opinião de Dahlke e Dethlefsen (2001), a sombra é o maior perigo para as pessoas, pois elas a

têm sem conhecê-la e sem saber que existe. De acordo com estes autores, é a sombra que providencia para que todos os nossos esforços e objetivos se transformem realmente em seus opostos.

*“Todas as manifestações provenientes de sua sombra são projetadas pelo homem no mal anônimo que existe no mundo, porque ele tem medo de descobrir a verdadeira fonte de seus males dentro de si mesmo. Tudo o que o ser humano de fato não quer, e de que não gosta, provém de sua própria sombra, visto que esta é a soma daquilo que ele não deseja ter. Entretanto a recusa em aceitar uma parte da realidade e vivê-la, não leva exatamente ao sucesso esperado. Os vários âmbitos da realidade obrigam os homens a se ocuparem intensamente com eles. Isso, na maior parte das vezes, acontece através da projeção, pois assim que recusamos determinado princípio e o banimos, ele sempre gera medo e rejeição em nós, quando o encontramos de novo no assim chamado mundo exterior” (Id., ibid., p.42).*

A projeção significa que usamos uma metade de todos os princípios que constituem o “lado de fora”, porque não os queremos aceitar como estando “dentro de nós”. O Eu é o responsável pela fragmentação do todo que constitui a existência. O Eu constela em Tu que é sentido como exterior. Contudo, se a sombra se compõe de todos aqueles princípios que o Eu não quis integrar, nesse caso, em última análise, a sombra e o exterior são idênticos. Sempre vivenciamos nossa sombra como exterior pela simples razão de que, se nós a reconhecêssemos dentro de nós mesmos, ela não seria mais a nossa sombra. *“É nesse ponto que começamos a lutar contra os princípios que nos parecem vir “de dentro” com a mesma paixão com que nos empenhamos em brigar com os que vêm “de fora” ” (Id., ibid., p. 43).* Lançamo-nos numa tentativa de purgar o mundo desses aspectos que consideramos negativos. Mas, como isso é impossível, essa tentativa se transforma numa ocupação em tempo integral, que fará com que nos ocupemos de modo muito intenso com a parte rejeitada da realidade.

Existe aqui, porém, um fato que não se pode desprezar: o de que mesmo a rejeição e a resistência levam, por fim, à devoção e ao envolvimento. No mesmo sentido, o fato de se evitar, inteiramente, qualquer aspecto da realidade indica, de fato, que ele apresenta um problema para quem o evita.

As áreas de experiência mais interessantes e importantes para o indivíduo são, exatamente, aquelas às quais este está resistindo, as que está evitando, pois são elas que faltam à consciência e o impedem de ser “saudável”. Só podem perturbar o indivíduo os princípios que forem capazes de o atingir “de fora”, pela razão de os ter podido integrar “dentro do indivíduo”.

## **2. O SINTOMA E A MANIFESTAÇÃO DA FALTA**

Todo sintoma é um aspecto da sombra que se precipitou no corpo físico, de acordo com Dethlefsen e Dahlke (2001). É no sintoma que se manifesta aquilo que ao indivíduo faz falta. É no sintoma que o homem vive aquilo de que não quis tomar consciência. O sintoma usa o corpo como instrumento para fazer a pessoa tornar-se outra vez um todo. Trata-se do Princípio da Complementação, que cuida para que não se perca a totalidade. Se uma pessoa se recusa a viver um princípio em sua consciência, esse princípio desce para o nível do corpo e aparece então como sintoma. Dessa maneira, a pessoa é obrigada a viver e, a despeito de tudo, a manifestar o próprio princípio que rejeitou. É assim que o sintoma providencia a totalidade do indivíduo, ele é o substituto físico do que falta à alma.

*“O sintoma mostra, na realidade, aquilo que faz falta ao paciente, pois ele é o próprio princípio ausente, que hora é revelado pelo corpo de uma forma material visível. Não é de admirar que o indivíduo deteste tanto seus sintomas, visto que são eles que o obrigam a expressar justamente aqueles princípios que mais o indivíduo tenciona não expor” (Id., ibid., p. 45).*

Assim, continuamos a combater os sintomas, sem aproveitar a oportunidade que representam de servir à nossa cura. Afinal, são justamente eles que nos permitem entender e enxergar aqueles aspectos psíquicos que, de outro modo, nunca descobriríamos existir dentro de nós mesmos, já que vivem na sombra. Nosso corpo é o espelho de nossa alma; na verdade, ele nos mostra aquilo de que a alma nunca poderia tomar conhecimento, sem ter uma base com que se comparar.

Através do corpo, todo sintoma força o ser humano, apesar de seus esforços em contrário, a manifestar algum dos princípios que, deliberadamente, havia optado por não viver; isso restabelece o equilíbrio. Nessa medida, um sintoma é a expressão física de alguma coisa que está na consciência humana. *“Os sintomas tornam os homens honestos porque tornam visível o que eles reprimam”* (Id., *ibid.*, p. 46).

Quando constatamos que a doença é uma consequência das ações da sombra, ela deve sua existência à nossa indecisão entre o bem e o mal, entre o que é certo e o que é errado. O bem e o mal são dois aspectos de uma mesma unidade e que, portanto, dependem um do outro para existir. O bem vive do mal e o mal do bem, e todo aquele que alimentar o bem, também estará, talvez, sem ter consciência disso, alimentando o mal.

### **3. Pele: o contato com o exterior**

A pele é o maior órgão do corpo humano. Cumpre múltiplas funções, das quais as mais importantes, já citadas anteriormente, são: separação e proteção; toque e contato; expressão e manifestação; sexualidade; respiração; eliminação (suor); regulação da temperatura.

Todas essas funções da pele, ainda, mostram um aspecto comum, ou seja, estabelecer limites entre os pólos, ao mesmo tempo que serve de contato entre eles. Sentimos que a pele é nossa fronteira com o mundo material à nossa volta e, ao mesmo tempo, que é através dela que estamos ligados ao exterior, pois é com a pele que tocamos o nosso meio ambiente. É em nossa pele que nos mostramos ao mundo e



não podemos mudar de pele. No exterior, ela reflete, duplamente, o nosso modo de ser. Em primeiro lugar, a pele é aquela superfície que reflete todos os órgãos internos. Qualquer distúrbio em algum deles é projetado na epiderme e cada estímulo na área correspondente da pele é transmitido, outra vez, para dentro do corpo.

Tudo o que acontece na pele, uma vermelhidão, um inchaço, uma inflamação, uma espinha, um abscesso, cuja localização não é ocasional, indica um fenômeno interior.

#### **4. Breve relato de um caso**

Inicialmente, esclarecemos que, dada a complexidade do processo psicoterápico e a complexidade do indivíduo em si, neste relato colocamos, de forma sucinta, os aspectos relevantes à discussão do tema em questão, neste artigo.

O paciente D. P. S. D., com a idade de 21 anos, do sexo masculino e universitário, iniciou em 22 de abril de 2002 a primeira sessão de seu processo psicoterápico no Estágio Supervisionado em Psicoterapia Breve ao Adulto, na Clínica - Escola de Psicologia da Universidade Paulista, Campus Bauru.

Inicialmente, o paciente relatou, de forma bastante clara e enfática, que havia procurado auxílio psicológico por estar com dúvidas quanto ao seu futuro profissional. Contudo, ao relatar sua história pessoal, surgiu uma nova queixa com respeito à dinâmica de sua família. De acordo com o paciente seus pais lhe delegam atividades e responsabilidades, além de sua capacidade de ação; tendo em vista que o paciente tem mais 2 irmãos que trabalhavam no negócio da família e não estudavam, mas os pais não lhes confiavam tais atividades que lhe eram exigidas. O paciente, apesar de sentir-se possivelmente sobrecarregado, não se sentia capaz de negar-se a realizar as atividades impostas, principalmente, pelo pai; nem ao menos se permitia sentir-se sobrecarregado e pressionado pelos pais. Durante o processo psicoterapêutico, entre as primeiras sessões, o paciente relatou que tinha um “probleminha”, que o incomodava, a Hiperidrose nas axilas; e disse que o diagnóstico recebido através do especialista é de ser causado por fatores emocionais. Por causa desta disfunção,

segundo o próprio paciente, passou a não se utilizar mais de camisetas coloridas, que tornavam aparente o seu suor excessivo, passando, também, a evitar o contato íntimo com namoradas, por medo do que estas iriam pensar sobre o problema. Contudo, mesmo relatando tais incômodos, o paciente insistia em negá-los, dizendo que “o incomodam mas nem tanto”. Tal problemática parecia estar relacionada, diretamente, a sua dificuldade de dizer não, de expressar sua raiva ou seu descontentamento e, também, ao fato de não se permitir “sentir”.

Sua passividade nas relações, sua extrema dificuldade em expressar sua raiva e sua discordância parecem ter achado na Hiperidrose uma via para que fossem expressos, de alguma forma.

Foram trabalhadas, focalmente, tais dificuldades acima relatadas, conjuntamente com o entendimento e a compreensão do sintoma da Hiperidrose.

Próximo à finalização do processo psicoterápico, que se realizou em uma média de 22 sessões, o paciente relatou uma diminuição de cerca de 80% do nível de excesso de suor e, também, não mais ter incômodos com relação a problemática da Hiperidrose. Como consequência, foi possível observar que o paciente passou a ser capaz de permitir-se “sentir” emoções antes negadas por ele.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pele não mostra apenas o estado exterior e interior de nossos órgãos; ela mostra, também, nossos processos e reações psíquicas, em geral. No caso da Hiperidrose, cumpre-se a função de expressão e de eliminação de processos e reações psíquicas dadas como “sombrias”, desconhecidas, negadas pela consciência. Sendo assim, a pele, assim como o sintoma expresso através dela, são meios através dos quais se realizam projeções. No caso da Hiperidrose, um canal de expressão de sentimentos e emoções, em princípio, negados e rejeitados pela pessoa.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R. *A doença como caminho: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

DAHLKE, R. *A doença como símbolo: pequena enciclopédia de Psicossomática*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

FORDHAM, F. *Introdução à Psicologia de Jung*. 2. ed. São Paulo: Verbo, 1990.